

Artigo publicado na revista *Lyrio* em 10 de dezembro de 1902

A instrução da mulher¹

Há um devido, um erro que o governo tem praticado e que continua aferrado a ele, quero me referir a instrução da mulher.

Em verdade, que tem feito o governo em prol da instrução. O ensino superior em todas as nossas faculdades vive entregue aos caprichos dos ministros. Os programas de ensino mudam-se sempre como cenários teatrais, não há um ministro que pretendeu reformar, as escolas superiores do país, todos nos assistimos as celeumas levantadas em toda parte não há estabilidade no ensino. Isso quanto ao ensino superior. Agora quanto ao primário a questão, assume proporções assustadoras, exemplificamos, principalmente pelo nosso Estado, onde tão pequeno número de escolas existem para a população que o mesmo tem.

Quem se der ao trabalho de estudar calmamente o método de ensino das nossas escolas vai ver se ele obedecem a uma orientação sadia onde ver programas enormes cheios de se ensinar muito e nada aprende.

E de fato, vê-se um aluno que é dado por pronto nas matérias do curso primário ignorando rudimentos comezinhos e soberba de atividades, altas questões de Direito Público. Dura veritas!

As escolas em pequeno número e desprovidos do necessário, funcionando em prédios sem os mais rudimentares, exigências higiênicas, comportam, 70,80 alunos!

Como pode um professor por mais hábil que seja, por melhor vontade que tenha, preparar tantos alunos?

Atenta bem o poder público para estas verdades, não é admissível economizar quando se trata de instrução, precisamos mais de escolas do que de quartéis de professores que soldados.

Eduque-se a infância instrua-se a mulher e medite-se sempre no quanto de sabedoria encerra este pensamento.

(Abrir escolas é fechar prisões).

¹ Maria Augusta Meira de Vasconcello Freire, colabora da revista *Lyrio*. (nota nossa).

Texto de Amélia de Freitas Beviláqua publicado na revista *Lyrio* em

1902

O LYRIO

5

O CORAÇÃO

A' Sílvia Magalhães

Têm se feito descobertas admiráveis, entre tupandas, verdadeiros assombros, muitas raiadas, e, com certeza, muito maiores e mais extraordinárias ainda surgirão, porque a criatura humana é inançável como a terra no seu gyro, perpétuo, e como ella peregrinará eternamente!

Explorando noite e dia, céu, terra, mares, mares, o espaço sem fim, veio-lhe a familiaridade com esses desconhecidos misteriosos que se podem ler, divulgar e baptizar!

No firmamento nada passa despercebido nos astronómicos, nem mesmo o mais insignificante incidente da vida de uma estrela iminuscua que brilha tristemente no céu; conhece-a perfeitamente bem, distingue-a como se elle estivesse encravada na terra entre as profusas e bellas flores dos jardins! Mas o poder da vontade, a força, o talento porspicaz, o magnetismo, todas as sciências possíveis não são suficientes para o conhecimento do coração humano. Não traduzirão adequadamente as páginas sombrias ou alegres, que estão enterradas nesse abysmo profundo, insondável que se chama coração; abysmo mais triste, mais escuro do que todos os abysmos do mundo; cratera que está sempre alerta em chaminas ardentes, que consomem, envenenam, matam, rugem, tremem de raiva como o leão feroz; rio sereno, onde desliza, em gotas de cristal, a água doce, brandamente suave como a virágão dos formosos tempos do estio; ninho deliciado, níncio, encanto dos encantos, onde dorme descansadamente o amor, cresce a esperança, vive a paixão desorteada, agoniza o vício, se alimenta a caridez, morrem as illusões, e passam as lugrâncias do martyrio!

E' ainda à borda desse estranho precipício que se encontram as perolas mais finas, as joias mais preciosas, irrebatidamente lindas; e dali também que se ouve a voz mais doce, o gêulo mais sentido, a magoa mais comômodo, e de onde corre a lagrima mais pura, mais verdadeira, mais santa, e mais tocante!

No entanto, esse deposito sagrado onde repousam tantas colas encantadoras, e o esquivo enganador, o traigoerio malévolio que nunca se coñecerá!

Porque a natureza tão prodiga em emprestar, fico silenciosa quando exploramos esse terreno, que é a séde de todas as desgraças, de todas as paixões, de todas as venturas?

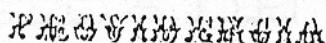
Desejaria entrar no coração, sondá-lo, estudá-lo, conhacer-lhe todos os recantos, todas as flores! Queria affrontar todos os perigos, sofrer-se embora sobre as carnes e estigmas dos tormentos mais horrorosos! Fosse a viagem para esse paiz, a mais longa, mais tortuosa e difícil: sungrassei os meus pés feridos, espedaçados, crivados de espinhos, e eu caminharia sempre até chegar ao fim dessa jornada, no fundo terrível dessa caverna misteriosamente incomprehensível que é o anelio perturbador de todas as gerações, e o cumulo de todos os segredos, da todas as felicidades. Sonho dourado dentro todos os sonhos, desejo instacável, glória, aspiração vitoriosa,

quem não te procura, quem não deseja conherte, conquistar-te, e sentir com toda força, a vibração quente e palpítante que sae do teu seio como um supremo e derradeiro alento?

Que importa que eu não voltasse mais à superfície da vida, que eu não conhesses mais nada, que os meus dias se acabassem encarcerados, amarrados para sempre a essa visão desconhecida que me fascinou, que me arrastou n'um arrebatamento vertiginoso e atordoante, até o despenhadeiro onde procuro a vida e a felicidade? Que importa, si é sonante ali que podemos florescer, estudar, chorar, viver, amar, perpetuar os annos??

Recife—Abril—1903.

AMÉLIA DE FREITAS BEVILÁQUA.



Deus, à noite, cônstellas o firmamento,
E de manhã, do sol accende o luce;
Deus deu à rosa o mürmuro queixume
E à doce brisa—o perfumado alento.

Deu azas no condor e no pensamento;
Belleza à rosa; o pôr do sol regume,
Como o pípolo da rolinha implúme,
Um poema de amor e sentimento!

Deus deu ao genio—a estrada que avisinha
Com os céos, no fim da qual enternecia,
A Glória ao seu encontro se encaminha.

Deus deu o orvalho à planta ressequida;
E à magna triste,—a esprâanca que acarinha,
E o consolo—na lagrima sentida...

Maceió, 30—3—1903.

ALCINA LEITE.

TRISTEZA DE VIVER

A' D. Anna Nogueira Baptista

Como eu seria feliz se pudesse
dizer com o poeta "Soffra o
coração, embora! Soffra!
mas viva! mas bata cheio ao menos da
alegria de viver!"

Não comprehendo a Vida como essa velhinhia paralytica que, no seu leito de angustias, vos disse satisfeita: "E' tão bom viver!" Santa resignação!

Felizes os que não sabem gemer! os que sepultam a dor n'um sorriso, fingido, embora! os que no leito do infunio exclamam, philosophando, como Pangloss:—"Este é o melhor dos mundos possíveis!"

Fragmento de texto de Maria Augusta Meira Vasconcellos Freire,
publicado na revista *Lyrio* em 01 de fevereiro de 1903

ANNO 2.

Recife, 1 de Fevereiro de 1903

NUMERO 4

O LYRIO

Revista Mensal

REDACTORA-CHEFE — Exma. Sra. D. Amelia de Freitas Bevílaqua.

REDACTORA-SECRETARIA — Exma. Sra. D. Cândida Duarte Barros.

REDACTORAS — Exmas. Sras. Dra. Maria Augusta Freire e DD. Edwiges Sá Pereira, Ursula Gareta, Belmira Villarim, Adalgisa Ribeiro e Luiza Ramalho.

A UNIVERSIDADE

Li ha dias nos Jornaes d'esta Capital que o meu illustrado Mestre, o Exm. Sr. Dr. José Seabra, que actualmente gera com criterio admirável a pasta dos negocios do Interior, estuda o projecto da criação de uma Universidade no Rio de Janeiro.

A ideia grandiosa do illustrado Sr. Dr. Seabra, se for posta em prática, é mais uma prova de adiantamento moral que o Brazil dá ao mundo civilizado. Effectivamente o nosso paiz tinha esta falta; paizes menores que o nosso têm Universidades, e digamos sem rebuços, sem possuirem os meios que o nosso posse.

Para a constituição do corpo docente o illustrado Mestre só pode luctar com a dificuldade da escolha. Em todos os ramos de conhecimentos humanos, o Brazil tem representantes a faltar, senão que causem-lhe inveja os cidadãos da Europa, mas o que me entristece, é ver que entre nós, os nossos compatriotas procuram abater as nossas glórias, quando elas, todos os dias, são admiradas no Velho Mundo.

A nossa admiração pelo projecto do Dr. Seabra subirá ainda mais, se elle lembrar-se de fundar também uma Universidade no Norte do nosso paiz.

Sim, a criação de uma Universidade no Rio de Janeiro, não resta dúvida, enfraquecerá as nossas Escolas do Norte.

Ainda mesmo que a criação da Universidade não importe a extinção das nossas Faculdades, só cursará estas quem não puder ir conquistar um diploma na Universidade, não só porque pensará ser mais doutor, como também pelo espirito de novidade de que é adepto o povo Brazileiro.

Em todo caso, o projecto do Exm. Sr. Dr. Seabra é digno de encorajos, e estou certa que ha de encontrar apoio em todos os corações de verdadeiros patriotas; que S. Exc. ha de permittir que faça-lhe o pedido de não esquecer-se do Norte.

Installe S. Exc. a Universidade do Sul primeiramente, e' fundada esta, lembre-se do nosso Norte.

Deixe o seu nome ligado a este melhoramento ha tanto tempo reclamado pelo nosso paiz.
Lucte S. Exc. em quem reconheço uma rija tempora de luctador, não deixe enfraquecer a sua ideia grandiosa e fique certo que terá a admiração e gratidão do povo Brazileiro.



Não creio que o Dr. Seabra esqueça-se do Norte, onde estudou, e onde na sua cadeira do Mestre seu talento fulgurou por tanto tempo.

O Brazil não é o sul somente; Pernambuco e outros Estados do Norte hão de valer tanto, como valem S. Paulo e Rio de Janeiro.

Nem se diga que o paiz não pode comportar duas Universidades, por causa das despesas. Gasta-se muito em superfluidades, que muito mais aproveitaria se recadisse em prol da instrucção.

Maria Augusta Meira de Vasconcellos Freire.

ANEXO L

Conselho Editorial da revista *Lyrio*

O LYRIO

19

Paysandú n. 3, Magdalena ou ao Dr.
Cintra Luiz, rua do Capitão Lima n.
58, E nos Estados :

A'S NOSSAS CORRESPONDENTES

BABIA—Iluassá—Mlle. Othilia Ferreira.
Feria de Sant'Anna.—Mme. Maria Amelia Garrido
CEARÁ—Crato—Mlle. Anna Olindina Nobrega.
Barbalho—Mlle. Olympia Sampaio.
Iguatu—Mlle. Maria Teixeira.
Icó—Mlle. Ozeta Pinto de Albuquerque.
Caniciu—Mme. Antonia Rodrigues Thier.
Maranguape—Mme. Cunha Mendes.
Villa da Conceição—Mlle. Julietta Alves.
PARAIBA—Pilar—Mlle. Maria das Mercês Pessan Chacon.
Pilões—Mlle. Maria Xavier da Cunha.
Pombal—Mme. Nathalia Nobrega.
SANTO CATARINA—Florianópolis—Mme. Maria
Carrollina Boiteau.
Edes—Mme. Ambrosina Ramos.
ESTADO DO RIO—Sapucaya—Mme. Maria da Nóbrega Sampaio.
Jundiaí—Mlle. Ruth Fonseca.
RIO GRANDE DO NORTE—Açú—Poetisa Rosa Beatriz.
Areia Branca—Mlle. Dulce Ribeiro.
ALAGOAS—Pilar—Mlle. Luiza de Oliveira Costa.
PERNAMBUCO—Bom Jardim—Mme. Espedita
Barbosa da Silva.
Gloria de Goiti—Poetisa Theodora Rodrigues.
Brjo da Madre de Deus—Mme. Elvira Cesar Macliel.
MATO GROSSO—Cuyabá—Mme. Eugenia de V. Neves.
MARANHÃO—Icatu—Mme. Ambrosina Cruz Ramalho.
Rapicuru-mirim—Poetisa Maria Anna Lazz.

SUMMARIO

Innocencia (soneto na capa).
Barão de Loreto.
Ao "Lyrio"
Theodora Rodrigues.
Ao aniversario d'"O Lyrio" (soneto)
Carlos Porto Carreiro.
Saudação
Amelia de F. Berilaqua.
"O Lyrio" pérante a literatura nacional
Dr. Clovis Berilaqua.
Chromo (soneto)
Arthur Bahia.
A Fatalidade (soneto)
Santina Potygnaré.
Miss (soneto)
Edwiges de Sá Pereira.
Impressão
Diva Bacellar.
A Boninha (soneto)
Elisa de Almeida Cunha.

"O Lyrio"

Saulos Netto.

Salve, oh gloriosa data!

Alice de O. Cavalcante.

Arthur Maniz.

A's redactoras d'"O Lyrio" (soneto)

Francisca Clothilde.

Saudação !

Adilia de Luna Freire.

Jesus (soneto)

Henriques Lima.

Seismundo

Lizinia Santos.

Epochas d'uma existencia (versos)

Ursula Garcia.

Coração amado

Maria Olindina Lead.

A virtude (versos)

Anna Alvim.

A's leitoras

Adalgisa D. Ribeiro.

Ao "Lyrio" (soneto)

Francisca Izidora.

Phantasia

Rosalia Sandoval.

"O Lyrio" (versos)

Alfonso Costa.

Perfis

Maria A. de V. Freire.

"O Lyrio" (soneto)

Domicio Rangel.

Minhas felicitações

Isabel O. Gondim.

"O Lyrio"

Theotonio Freire.

Saudades ! (versos)

Francisca Montenegro.

Carta aberta

Maria Clémentina B. Dantas.

Salve !

Ignez Sabino.

5 de Novembro

Maria Cavalcante.

Plectros (versos)

Papillon Bleu.

"O Lyrio"

Joanna de Mello.

O ultimo olhar

Luiza Ramalho.

Avante !

Rita de Souza.

"O Lyrio"

Celeste Assis Brazil.

Intimo (soneto)

Anna Lima.

A canção das aguas (versos)

Rita Cintra Costa.

No mar (versos)

Mariana Luz.

Publicações recebidas.